

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

I

*Apresenta-se o Autor
com as suas Peças*

As Histórias de Hakim

A Paixão segundo João Mateus

As Cadeiras Celestes

O Rosto Levantado

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Algum Teatro
Vol. I

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Setembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1578-2

Depósito legal: 294 430/09

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

I



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

O ROSTO LEVANTADO

(1977-1978)

Peça escrita em 1977-1978. Ainda que recomendada pelo júri de um concurso promovido pela ATADT (Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral), trinta e dois anos passados (já que esta nota data de 2009) não se proporcionou a sua representação, nem mesmo a sua publicação. Coincidindo com a 1.^a edição, em *ALGUM TEATRO*, prevê-se para Outubro deste mesmo ano a estreia absoluta de *O Rosto Levantado* no CENDREV (Centro Dramático de Évora), com encenação de José Russo. Entretanto, foi realizada uma leitura encenada desta peça num ciclo que Silvina Pereira e o Teatro Maizum dedicam à dramaturgia portuguesa contemporânea, na Livraria Bulhosa (Entrecampos, Lisboa).

O ROSTO LEVANTADO

Peça em 2 partes

Personagens:

JOSÉ REDONDO, latifundiário
SECUNDINA, sua mulher
VIOLANTE, filha de ambos
ALCINA, velha criada
GERALDO, ex-feitor de José Redondo
CARRAJOLA }
MARRAFA } trabalhadores rurais
ESPIGA }
JANEIRO }
DOROTEIA, mulher de Carrajola
BAGATELA, pedinte



A acção decorre no Alentejo, por volta de 1970.

I PARTE

1

Na Herdade dos Cedros, propriedade de José Redondo. Uma vasta campina, entre o dia e a noite, no mês de Julho. Da seara madura sobressai o vulto de um espantalho. José Redondo, notoriamente bêbado, tenta estabelecer diálogo.

REDONDO — E volto a repetir o que disse há bocado: Enquanto o José Redondo se aguentar nas gâmbias, aqui não haverá outro patrão. Entendido? Eu é que mando. Eu. *(Pausa.)*

Mas nada de confusões: Como o prometido é devido, retomas o teu lugar. Feitor, que o mesmo é dizer: o meu braço direito.

O Carrajola, valha a verdade, não me prestou mau serviço, na tua ausência. Mas lá de vez em quando eu sempre lhe ia lembrando que o poleiro era provisório, não fosse ele agradar-se demasiado e criar-te problemas, quando voltasses.

Eu não estou bêbado. Chamemos as coisas como elas são. A minha aguardente velha é a melhor de toda a província do Alentejo. Do País. Entendes? Aqui fica a recomendação. *(Estende ao espantalho uma pequena garrafa que tirou do bolso do casaco.)* Ainda não queres? Quando quiseses é só pedir. *(Leva a garrafa à boca. Bebe um trago e limpa os lábios com as costas da mão.)*

Três anos?, foi o que disseste? Parece que foi ontem. E a minha Violante à espera. Está inteira. Podes ter a certeza. Ninguém lhe tocou. E não quero brincadeiras, por enquanto. Estás a ouvir? A minha casa é uma casa séria. Casamento... e depois então... Não sei se me faço compreender.

Eu não estou bêbado. Se não queres beber não bebas, mas não me olhes assim. Eu estou lúcido. Ainda tenho meia garrafa e estou perfeitamente lúcido. Eu sou o José Redondo, latifundiário. E patrão desse pessoal todo. E tu és o Geraldo. Ou pensas que me esqueço dos que trabalham nas minhas propriedades?

Mas só te quero pedir um favor, meu rapaz: Nada de contemplações com esta gente. «Trabalha a terra com o suor do teu rosto.» Assim se diz e assim é que é. Se um gajo não tem mão nessa canalha, já de hora a hora estão a puxar um cigarro, ou a inventar qualquer outra maneira de aliviar as costas. E o patrão que aguento!

(Estende a garrafa ao espantalho.) Bebe mais um trago. *(Pausa.)* Não te apetece? Bebo eu, e que bom proveito me faça. *(Bebe.)*

Estás a pensar na minha Violante, não estás? Logo vi. Não tens nada mau gosto, não senhor. Aquilo é mesmo um pastelinho de nata e está mesmo a dizer «comei-me, comei-

-me». Mas não é para a tua boca. Por enquanto. Não quero cá poucas-vergonhas. Casamento... e depois então...

Já sei o que me vais dizer: Que não tenho autoridade — estou a falar bem —, que não tenho autoridade para estas recomendações. Não é segredo nenhum que sou um garanhão de primeira, como não há outro por dezenas de léguas em redor. Enquanto estiveste lá fora, nessas guerras, foram a Lisboa mais três ou quatro — à minha custa, ouviste? — às mãos da desmanchadeira. Mas isso é outra questão. Cada qual é para o que nasce, e não há nada a fazer.

Portanto, muito juízo. Não quero poucas-vergonhas na minha casa. Já disse.

Também te quero fazer um confidência: Há por aí muito bom homem que entra em casa ao entardecer, vê a garotada à volta da mulher e diz, todo prazenteiro: «Olá, meus filhos.» E nem se apercebe que os filhos são meus.

Ah, isto é uma comédia, amigo Geraldo. E o que se leva desta vida é o que se come e o que se bebe. Podes crer. *(Bebe.)*

Sabes que comprei a Herdade dos Carvalhos? Assim mesmo. Quando uma ideia se me entra cá na cabeça, já sabes que é para se fazer. Agora isso por aí abaixo é tudo meu. E manda quem pode.

E não te deixes ir em cantigas. Esse pessoal há-de querer convencer-te de que é mal pago, e que mais isto e mais aquilo. Aguenta-te com eles, que defendendo o que é meu defendes o teu pão. Não te esqueças disto. Se o patrão não lhes serve, procurem outro.

O que essa canalha gostaria era de me ver aí caído numa valeta, e eles, feitos senhores, de mãos nos bolsos, gozando o que tanto me custou a ganhar.

Isto será o anoitecer ou o amanhecer? Tanto faz. Em todo o caso o céu está todo vermelho. Deve ser fogo. Qualquer incêndio, por descuido e imprevidência. A Senhora Santa Ana aquecia-se à lareira, e as chamas pegaram-se-lhe ao vestido de renda. Aquilo apaga-se depressa. Mas Deus queira que não venham faúlhas por aí abaixo, e queimar as minhas searas, secas como estão, a gritar de maduras.

Noutro local da Herdade dos Cedros. A noite avança, irresistível. Da natureza, apenas sombras mal definidas. Vozes que se aproximam.

SECUNDINA (*fora*) — Ó José Redondo! José Redondo!

CARRAJOLA (*idem*) — O homem há-de aparecer. A patroa não se consuma.

SECUNDINA — Oh vida excomungada! Antes uma pessoa deitar-se a um poço! — Deus me perdoe.

ESPIGA (*ainda fora*) — Ó Sr. José!

(Entram Carrajola e Espiga, com varapaus e lampiões acesos. Secundina, pouco depois.)

SECUNDINA — E logo hoje! Já viram o disparate?! Logo hoje, que devia ser dia de festa, é que isto havia de acontecer! O que o rapaz não há-de dizer, quando souber!

CARRAJOLA — Ele conhece muito bem o senhor José Redondo. Não há-de estranhar.

SECUNDINA — Não, que quando ele se foi embora para o Ultramar o meu homem não bebia assim. É uma vergonha.

ESPIGA — O que vale é que a menina Violante não se atrapalha nada e compõe logo as coisas como convém. Quando o Geraldo lhe perguntou pelo patrão, ela, sem pestanejar, disse que ele tinha ido a Évora e que talvez se demorasse.

SECUNDINA — Valha-me São Cipriano, que tanto me tem valido em tantos momentos de aflição.

CARRAJOLA — Não se amofine dessa maneira, senhora Secundina, que nem lhe fazem bem os remédios que toma.

SECUNDINA (*pondo as mãos*) — Meu querido São Cipriano: Se o meu homem for encontrado com vida e saúde, prome-

Obras do Autor

TEATRO

- A Descida aos Infernos* (1959). Peça estreada pela RTP, em 1966. Ed. revista *Rumo*, Lisboa, 1960.
- O Homem que Caminhava sobre as Ondas* (1959). Peça de estreia absoluta do dramaturgo: Sociedade Dramática Eborense, Évora, 1960. Ed. do Autor, Lisboa, 1960.
- O Servidor da Humanidade* (1962). Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa (Estufa Fria), Lisboa, 1962. Ed. Panorama, Lisboa, 1963.
- O Labirinto* (1962).
- A Pulga* (1965).
- A Ilha do Rei Sono* (1965). Ed. Plátano Editora, Lisboa, 1977. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães. Ed. Plátano Editora, Lisboa, 1977.
- Magnífico I* (1965).
- As Histórias de Hakim* (1966). Quatro edições em Portugal e quatro na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.
- A Paixão segundo João Mateus* (1972 e 1978). 2.º prémio dos «30 Anos do Teatro Experimental do Porto». Ed. Secretaria Regional de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1983. Estreada pelo teatro A Oficina, Guimarães, 1996.
- As Cadeiras Celestes* (1975). 1.º prémio dos «50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores». Ed. Prelo Editora (Repertório da SPA), Lisboa, 1976.
- O Rosto Levantado* (1977 e 1978). 1.ª ed. em *ALGUM TEATRO*, INCM, Lisboa, 2009.
- O Pavilhão dos Sonhos* (1979).
- Viagem a Damasco* (1980). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988. Estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo, 1990.
- Do Desencanto à Revolta* (1982). Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa, 2003 (conjuntamente com a peça *Os Deserdados da Pátria*, com a qual forma um díptico).
- Os Deserdados da Pátria* (1988). (Ver *Do Desencanto à Revolta*.)
- Florânia ou A Perfeita Felicidade* (1983). Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. «Prémio à Publicação», da Associação Portuguesa de Escritores. Ed. Signo, Ponta Delgada, 1990.

- D. João no Jardim das Delícias* (1985). Ed. Rotim, Lisboa, 1987. Peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais, 1988.
- Magalona, Princesa de Nápoles* (1986). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1990.
- O Marido Ausente* (1988). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em polaco, francês e italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas «Teatro Europeu Hoje», em seis países (1991 a 1993). Edições Colibri, Lisboa, 1997.
- As Viagens de Henrique Lusitano* (1989). Ed. SPA, Lisboa, 1991.
- A Donzela das Cinzas* (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfornelos, 1999.
- Uma Nuvem sobre a Cama* (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991. Edições Colibri, Lisboa, 1997.
- Arlequim nas Ruínas de Lisboa* (1992). Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Lisboa, 1992. Ed. Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa, 1992.
- Os Doze Mandamentos* (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1994.
- Fortunato e TV Glória* (1995). Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal, 1998.
- O Café Centauro* (1996). Tríptico provinciano: *Cavalheiro de Nobres Sentimentos — As Invenções do Demónio — As Suaves Luvas de Londres*. Ed. Novo Imbondeiro, 2002.
- Salomé ou A Cabeça do Profeta* (2000). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que no mesmo ano a estreou.
- Para além do Caso Maddie* (2007). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 2008.
- Memórias de Petrónio Malabar* (2008). Peça expressamente escrita para a revista *Prelo*, INCM, que a publicou no seu n.º 8 (Maio-Agosto de 2008).

ROMANCE

- No mais Profundo das Águas* (1993 e 1994). Ed. Salamandra, Lisboa, 1998.
- Frente à Cortina de Enganos* (2003 e 2004). Inédito.
- A Paixão segundo João Mateus* (2004 a 2006). Inédito.

POESIA

- Percurso de Poeta*. Prémio Natália Correia, 1999. Ed. do Autor, Lisboa, 2000.

FOTOGRAFIA E TEXTO

- As Fajãs de São Jorge* (álbum). Ed. Câmara Municipal da Calheta, São Jorge, Açores, 1992.